

## **SISTEMA SIMBÓLICO DA REALIDADE SOCIAL DE MENINOS ACOLHIDOS PELO ESTADO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE**

*SYMBOLIC SYSTEM OF THE SOCIAL REALITY OF TEENAGERS ACHIEVED BY THE STATE IN THE METROPOLITAN REGION OF BELO HORIZONTE*

JÚLIA ROCHA SOARES<sup>1</sup>; PAULA ANGELA DE FIGUEIREDO E PAULA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, *Campus* Betim. E-mail: [juliarochapsicologia@hotmail.com](mailto:juliarochapsicologia@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Social. Professora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: [pauladepaula@oul.com.br](mailto:pauladepaula@oul.com.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Políticas Públicas; estágio; Psicologia.

**KEYWORDS:** Public Policies; internship; Psychology.

**INTRODUÇÃO:** O presente resumo tem como objetivo descrever a experiência vivida no estágio obrigatório “Saúde Pública e Desenvolvimento Social”, realizado no 9º período do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – *Campus* Betim, com duração de um semestre letivo. O estágio foi realizado em uma casa de acolhimento para adolescentes masculinos com faixa etária entre 12 e 17 anos, que está localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Esses adolescentes se encontram afastados de suas famílias e aos cuidados do Estado pelos mais diversos motivos sociais. De acordo com o Plano de Individual de Atendimento (PIA) do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), o serviço de atendimento busca a reinserção comunitária e familiar e a autonomia dessas crianças e adolescentes que se encontram afastados dos cuidados parentais. Busca-se, por meio de um estudo de cada caso, a compreensão da singularidade dos sujeitos, organizando-se as atividades e as ações que precisaram ser desenvolvidas com as crianças e adolescentes para que possam voltar a suas famílias. É percebido que esses jovens acolhidos, acompanhados pelo estágio, pertencem a classe social pobre, na qual muitos deles não possuem referência em seu desenvolvimento e criação, vivenciando em seus cotidianos violações de direitos, sendo que muitos se envolvem com o tráfico, com a prostituição devido à desigualdade social marcante no Brasil, onde grande parte da população não tem acesso aos bens culturais, educacionais, entre outros. Segundo Melsert, Bock (2015), a desigualdade social no Brasil é muito marcante e tem sua constituição histórica desde o tempo da colonização. O autor cita Pochman (2013) do qual relata que a desigualdade social não se limita à renda, mas se caracteriza também pela dificuldade de acesso a

bens culturais, pelas diferenças no modelo de educação oferecido pelas escolas frequentadas por sujeitos de diferentes classes; e as diferenciações das experiências de vida por que passam os grupos sociais distintos. Pode-se caracterizar que são muitas as determinações que formam essa divisão entre classes pobres e classes ricas, as quais sustentam a sociedade brasileira. As pessoas, portanto, apresentam comportamentos de acordo com a classe em qual se encontram, e, conseqüentemente, se constituem subjetivamente maneiras distintas. O autor diz que os sujeitos colaboram com a construção desse fenômeno construindo significações, ou melhor dizendo, a subjetividade está marcada pelos registros simbólicos próprios de cada classe social. O acesso às riquezas, aos bens culturais e materiais, tudo isso é significado pelo sujeito singular, mas, ao mesmo tempo, compartilhado entre todos que possuem aquela determinada representatividade social. Diante de tanta desigualdades, os jovens pobres almejam uma condição diferente daquela que possuem. Segundo Silva, Araújo (2011), quando nasce uma criança é necessário que essa seja inserida em um processo educativo e simbólico. Somente através dessa inserção que essa criança seguirá os valores daquele meio cultural. Pode-se descrever que ela precisa de um “Outro” para entrar no campo simbólico e imaginário de uma determinada cultura. Esse campo simbólico é formado por tudo aquilo que dá sentido à vida do sujeito. Quando esse simbólico é aprendido pelo sujeito, ele começa a ser inserido no inconsciente de acordo com a função do significante. No caso dos meninos que foram acompanhados no estágio, os traficantes e bandidos exercem essa função, ensinando a eles tudo sobre o mundo do crime e fazendo com que eles percebam essas ações como um emprego como outro qualquer. **MATERIAL E MÉTODOS:** A preparação para a atuação no estágio ocorreu durante fevereiro de 2018, quando aconteceram supervisões semanais a respeito do funcionamento desse serviço na rede pública e do método de escuta psicanalítica que seria utilizado na instituição. Para isso foi necessário ler as orientações contidas no PIA, no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais, afim de possibilitar uma maior compreensão sobre esse serviço e se estaria atuando corretamente. Além de compreender que em uma escuta na clínica psicanalítica é necessária a capacidade de apurar os significantes fundamentais para localização do gozo do sujeito, para intervir no tratamento causando um trabalho de elaboração do sujeito, para formular hipóteses diagnósticas e para o uso da teoria na fundamentação do ato psicanalítico dando direção ao tratamento. Durante duas horas semanais foi possível escutar toda rotina de funcionamento da instituição, desde as normas até as relações entre os funcionário e os meninos, entre os meninos uns com os outros e como todos reagem à presença de alguém novo naquela dinâmica. As supervisões

eram realizadas através da abordagem psicanalítica e com orientações sobre o funcionamento das políticas públicas. Macedo, Falcão (2005) relatam que por meio da associação livre, na Psicanálise, o sujeito diz de um outro, do qual é o inconsciente, que lhe é desconhecido. O inconsciente interrompe-lhe a fala e faz com que ela se torne presente em algum momento do que é dito pelo sujeito. Isso ocorre quando acontece o rompimento da lógica consciente fazendo com que ocorrerá a lógica inconsciente do processo primário. Por meio dos sonhos, esquecimentos, atos-falhos, contradições, ambiguidades, acontece essa lógica que se desvela e os conteúdos vão sendo significados com o auxílio da interpretação. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foi percebido que muitos dos meninos acompanhados no estágio foram abandonados pelos pais, que, em muitos casos, são portadores de transtornos mentais. Através da escuta psicanalítica realizada com esses meninos percebeu-se que procuram obter reconhecimento no mundo do crime e do tráfico. Quando estão na casa de acolhimento evadem para cometerem pequenos furtos para terem acesso aos bens que a classe média possui, para venderem drogas e para irem aos bailes funks. Durante a realização do estágio foi percebido o fato da realidade social dos meninos possuir um simbólico próprio, de forma que encontramos, no lugar de seus heróis das histórias em quadrinhos, os “anti-heróis”. Como, por exemplo, a presença de desenhos dos Irmãos Metralhas nas portas dos armários de itens pessoais dos meninos, os quais simbolizavam a importância em ser um bandido para eles. Os Irmãos Metralhas formam uma quadrilha de ladrões atrapalhados dos desenhos do Tio Patinhas das animações Disney. Quando não eram os Irmãos Metralhas, encontrava-se a imagem do Curinga, outro anti-herói, personagem da história do Batman, que para eles simbolizava o traficante, personagem no nível mais alto na hierarquia simbólica do mundo das ruas ao qual os meninos pertencem. Os meninos relataram que o fato de descolorir o cabelo de branco é uma forma de ser identificado e terem passe-livre para entrarem em locais onde o tráfico se encontra ativo. Segundo Silva, Araújo (2011), citando Freud 1930, a civilização é formada pela renúncia ao instinto, sua caracterização é a substituição do poder do sujeito pelo poder da comunidade. Nesta comunidade regida pelo tráfico, os bailes funks que os meninos frequentam possuem suas leis próprias, que organizam o simbólico de cada um deles. Percebeu-se a valorização de se ir ao baile funk, de relacionar-se sexualmente com muitas meninas para se divertir e, conseqüentemente, a existência de preconceito com as escolhas homoafetivas, fazendo com que os meninos que apresentem tais comportamentos apanhem fisicamente na casa de acolhimento. Durante uma conversa com um desses meninos, foi percebido o medo de se assumir como um homossexual, devido à não aceitação tanto da coordenação do abrigo, que apresentava

valores da religião evangélica, quanto dos outros meninos acolhidos. Na varanda ele perguntou à estagiária quem ela iria escutar na casa, sendo logo respondido que a proposta do estágio seria escutar quem desejasse falar. Então, ele contou que foram ao baile funk porque havia nada para fazer e que manteve relações sexuais com um morador de rua adolescente de 17 anos. Logo relatou que não tinha mais desejo de ficar com ele, apesar de achar o garoto bonito e de gostar dele. Durante a conversa foi percebido que ele sempre olhava para baixo e falava rápido, com vergonha, afirmando ser homem. A estagiária, então, pontuou que homens homossexuais não deixam de ser homens porque escolhem amar outros homens e, conseqüentemente, não haveria problema nisso, uma vez que muitos homossexuais possuíam uma vida bem resolvida e feliz. Após essa ponderação, o adolescente acolhido parou de olhar para o chão e direcionou seu olhar a estagiária perguntando-lhe na mesma hora: Verdade? Nos discursos dos adolescentes foi relatado que as ações de violências no mundo do crime são “normais” e socialmente aceitas para eles. Um dos adolescentes citou que ser bandido e ser traficante seria uma profissão como qualquer outra, uma vez que eles são respeitados dentro das comunidades e conseguem muito dinheiro para festas, roupas e mulheres. Além disso, foi presenciado os adolescentes competindo nas suposições de com quantos anos cada um iria morrer. Outra questão que foi observada durante a atuação no estágio é de que os cuidadores estão esgotados e sentindo-se incapazes e impotentes para conseguirem fazer os meninos abandonarem seu modo de vida, passando a comportamentos de maneira aceitáveis socialmente para eles. Para esses cuidadores, todo esforço feito por eles parece ser desperdiçado. Assim, só lhes resta submetê-los a agressão por não conseguirem enxergar outra saída e forma de atuação. A casa, que possui a função de acolher e proporcionar alívio e proteção aos adolescentes, tem agido como mais um local onde eles vivenciam a violência e a falta de esperança em relação a suas expectativas de vida. Tais cuidadores necessitam urgentemente de uma capacitação apropriada. **CONCLUSÕES:** De acordo com Silva e outros (2015), a atuação do psicólogo em um serviço de acolhimento está começando a ser explorada, devido ao fato desses profissionais estarem se apropriando agora dessa demanda. É necessário que o profissional da psicologia faça com que as medidas de acolhimento ultrapassem as atividades operacionais, que apenas suprem as necessidades básicas, como a alimentação. Desse modo, poderá proporcionar um ambiente de apoio afetivo para que se busque amenizar as marcas de violência que os adolescentes trazem de suas histórias de vida. O autor cita Bento (2010) que relata que, nos modelos de acolhimento propostos até hoje, a impossibilidade dos adolescentes expressarem sua singularidade é bem clara, uma vez que a massificação institucional pretende deixar de lado a herança sócio-histórica de cada um,

a qual possibilita o pertencimento social. Além disso, a violência está presente em todas as esferas da vida desses adolescentes fazendo com que não percebam outra forma de existência e induzindo-os à atuação e aceitação do mundo do crime e das drogas, uma vez que esse tem sido o único espaço onde, de fato, estão sendo acolhidos e ensinados. Esse fato que gerou angústia na estagiária ao concluir seu estágio supervisionado. A atuação da psicologia, por meio do estágio, promoveu reflexões nos adolescentes sobre suas realidades, ações que deveriam ser realizadas frequentemente no serviço de acolhimento.

## REFERÊNCIAS:

- AGRÁRIO, Ministério do Desenvolvimento Social e SOCIAL, Secretaria Nacional de Assistência. ESPECIAL, Departamento de Proteção Social. ACOLHIMENTO, Coordenação Geral de Serviços de. **Orientações para Elaboração do Plano Individual de Atendimento de Crianças e Adolescentes.** Disponível em: >  
[http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia\\_social/consulta\\_publica/MODELO\\_PIA\\_MDSA.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/consulta_publica/MODELO_PIA_MDSA.pdf)< Acesso em: 28/06/2018 às 17:00.
- FOME, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais.** Brasília. Reimpressão. 2014.
- MACEDO, Mônica Medeiros Kother. FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. **A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta.** Psychê, vol.9. n.15. jun. São Paulo. 2005.
- MELSERT, Ana Luísa de Marsillac. BOCK, Ana Mercedes Bahia. **Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres.** Educ. Pesqui. v.41. n.3. jul/set. São Paulo. 2015.
- SILVA, Chistie Dinon Lourenço da. DENARDI, Raquel Cristina. BECKER, Ana Paula Sesti. DELVAN, Josiane da Silva. **A Psicologia nos serviços de acolhimento institucional e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.** Pesqui. prat. psicossociais. vol.10. n.1. jun. São João del Rei. 2015.
- SILVA, Nelson Pedro. ARAUJO, Renata Cristiana Graner. **O adolescente, tráfico de drogas e a função paterna.** Rev. Psicol. Polít. v.11. n.21. São Paulo. 2011.